

1992: que não tenha sido em vão

31 DEZ 1992

SÉRGIO AMAD COSTA



Não cabe aqui, hoje, escrever sobre os transtornos por que passou a nossa economia durante este ano de 1992, que, agora, graças a Deus se encerra. Os sacrifícios já foram suficientemente lembrados. O que vale, no momento, é, antes de mais nada, um pensamento positivo para que amanhã comecemos o 1º dia do ano com esperanças de conseguir sair deste atoleiro. 1993 poderá ser o ano da virada. Por que não?

Mas, para isso, vale observar que já há quem acredite, de novo, nesta história de nacionalismo e tutela do Estado na economia, referindo-se aos bons tempos em que o País ratificava em bloco a heterodoxia com seus planos mirabolantes, mágicos da época em que se dava fim à inflação mediante decretos. Pura bobagem.

Ora, os bons tempos nunca existiram no Brasil. Quando pertencemos ao bloco do Primeiro Mundo? Até agora só conhecemos o subdesenvolvimento, justamente pelo fato de que sempre vivemos sob o intervencionismo de um Estado cartorial e protecionista.

Portanto, que em 1993 aqueles que defenderam o liberalismo para o País, como meio para a recuperação de nossa economia não desistam desta tese. Ela é a correta. Sempre se fez presente por toda era moderna e contemporânea nas nações que

conseguiram desenvolver-se economicamente. As idéias do livre mercado, da livre iniciativa são de todos que compartilham do mesmo desejo: o de ver funcionar aqui um capitalismo de verdade.

Há que se empenhar, em 1993, para que a busca da modernidade não seja superada pelo retrocesso. Essa história de que ela não serve para nós é o meio que os xenófobos, os que vivem às custas do aparelho estatal e os parasitas encontraram para defender a manutenção de um regime improdutivo e ineficaz, que não estimula a competição, o que favorece os que não investem nem se arriscam.

Enfim, a tutela do Estado na economia sempre tende a privilegiar um grupo fechado de escolhidos e de protegidos pela cúpula palaciana de Brasília, e a impedir a abertura de oportunidades para

novos empreendedores, que, certamente, fortaleceriam nosso capitalismo.

A modernidade, cumpre reforçar, serve, sim, para nós. Vários de nossos vizinhos, que se encontravam em situação semelhante à nossa, conseguiram reverter o quadro de penúria, e, agora, estão com o passaporte para o crescimento econômico. Mostraram que o liberalismo não é um modismo. Ao contrário, quando ele se torna realidade, abre oportunidades substanciais para o regime da livre iniciativa.

Quanto a nós, até agora, fizemos muitos sacrifícios. Os salários tiveram perdas reais, os postos de trabalho foram reduzidos, as empresas privadas promoveram — e ainda estão promovendo — ajustes, enfrentando uma série de dificuldades, visando preparar-se para um jogo mais competitivo. Portanto,

ESTADO DE SÃO PAULO

empregados e empregadores, já suaram a camisa para fazer o gol. Falta apenas mexer no déficit público, no Estado, e levar adiante o que já realizamos até agora.

Neste contexto o ano de 1993 poderá ser decisivo. Teremos duas possibilidades: uma será a de atirar por água abaixo todos os sacrifícios vividos, retornando ao modelo xenófobo, intervencionista, estatizante da nossa economia, que, certamente, nos levará a mais uma década perdida, para comermos tudo de novo depois. A outra possibilidade é a de finalizar as reformas propostas por um regime liberal, para, em breve, nos lembrarmos desse anos como um período de penúria, de ajustes, de dificuldades, porém, que não foi em vão.

■ Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FGV-SP.

